

Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória¹

Maria João Mogarro

Resumo: Actualmente, os arquivos escolares motivam profundas preocupações relativamente à salvaguarda e preservação dos seus documentos, que constituem instrumentos fundamentais para a construção da memória educativa. A existência desses arquivos ganhará verdadeiramente um sentido quando o acesso às informações que possuem for garantido, através da sua instalação em condições adequadas e de uma organização correcta dos seus documentos. Os arquivos escolares constituem o repositório das fontes de informação directamente relacionadas com o funcionamento das instituições educativas, o que lhes confere uma importância acrescida nos novos caminhos da investigação em educação, que colocam essas instituições numa posição de grande centralidade para a compreensão dos fenómenos educativos e dos processos de socialização das gerações mais jovens. Com este contributo, pretendemos reflectir sobre os seguintes aspectos: o papel dos arquivos escolares nas instituições educativas; a situação dos arquivos escolares em Portugal; a natureza dos documentos e os estudos a desenvolver; os arquivos escolares e as fontes de informação de diversa natureza; os arquivos escolares e a construção da memória educativa.

Palavras-chave: Documento, arquivo, cultura escolar.

Abstract: Nowadays, school files promote deep concerns regarding the safety and preservation of their documents. These documents constitute fundamental tools to build the educational memory. The existence of these files will gain a true meaning when the access to the information they hold is guaranteed, through a correct organization of the documents and a proper location. School files are the stock of the sources of information directly related with school work. This gives schools an additional importance for new approaches in educational research and also puts them in a central position for the understanding of educative phenomena and the socialization process of younger generations. With this contribution, we intend to discuss the following points: the role of files in schools; the conditions of school files in Portugal; the nature of the existing documents and the studies to follow; the school files and the several sources of information; the school files and the building of educational memory.

Key words: Document, file, school culture.

* Escola Superior de Educação de Portalegre (Portugal). mariamogarro@mail.telepac.pt

1. Este texto baseia-se na intervenção da autora na Mesa Redonda "Cultura escolar e cultura material escolar: os arquivos escolares", no I Seminário sobre Educação e História realizado na Unicamp, Campinas, em julho de 2003.

○ papel dos arquivos escolares nas instituições educativas

Os arquivos e as informações que os seus documentos possuem permitem introduzir a uniformidade na análise que se faz sobre os vários discursos produzidos pelos actores educativos – professores, alunos, funcionários, autoridades locais e nacionais têm representações diversas sobre a escola. O arquivo, constituindo o núcleo duro da informação sobre a escola, corresponde a um *conjunto homogêneo* e ocupa um *lugar central* e de *referência* no universo das fontes de informação que podem ser utilizadas.

O cruzamento que se estabelece entre os dados obtidos, através da análise dos documentos de um arquivo escolar, permite realizar correlações estreitas entre as diversas informações, revelando um elevado índice de *coerência e lógica internas* do fundo arquivístico e o papel fundamental dos seus documentos para a compreensão da organização e funcionamento da instituição escolar que os produziu (MOGARRO, 2001, p. XLIII-XLIV).

Mas essas inteligibilidades só são estabelecidas pelos processos de investigação. No caso dos arquivos escolares estamos perante documentos que estão depositados, na maior parte das situações, no silêncio desses mesmos arquivos e aí permanecem (resta saber se, de facto, ainda permanecerão), até que o investigador proceda a uma avaliação da sua pertinência para o processo de investigação, em função dos problemas previamente formulados (MOGARRO, 2001, p. XXXVIII).

Se é verdade que o historiador (e o da educação também) inventa as suas fontes, “construindo-as” em articulação com o objecto de estudo e inserindo-as nas realidades históricas (e educativas, no caso que aqui nos interessa) em que foram produzidas e utilizadas, no caso dos arquivos escolares estamos perante fontes de informação tradicionalmente consagradas (os documentos de arquivo), embora também tradicionalmente consideradas menores e, por isso, secundarizadas (pela sua condição de serem escolares e, em consequência, revelarem os processos educativos).

Nos arquivos escolares existem documentos, geralmente em suporte de papel, organizados em livros, dossiers e avulsos que contêm as informações internas produzidas pelos actores educativos e pela própria instituição, no âmbito das suas actividades e a um ritmo que podemos considerar quase quotidiano.

As instituições escolares têm-se vindo a afirmar como microcosmos, com formas e modos específicos de organização e funcionamento. As escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam uma identidade própria, carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na

construção dessa memória escolar e da sua identidade histórica (MOGARRO, 2001, p. XV-XVI).

Nesta perspectiva, o exercício do arquivo integra-se no processo de conhecimento e compreensão da *cultura escolar*. Os fundos arquivísticos são constituídos por documentos específicos, produzidos quotidianamente no contexto das práticas administrativas e pedagógicas; são produtos da sistemática “escrituração” da escola e revelam as relações sociais que, no seu interior, foram sendo desenvolvidas pelos actores educativos.

A instituição escolar constitui o universo de uma cultura própria e sedimentada historicamente, sendo também a produtora dos traços / documentos dessa cultura. Esses documentos configuram, na sua diversidade e variedade, o *património educativo* de cada instituição – o espaço físico (edifício e zona envolvente) corporiza esse universo; os espólios arquivístico, museológico e bibliográfico integram os documentos, portadores de informações valiosas e que nos trazem, do passado até ao presente, aspectos da vida da escola e que tornam possível escrever o itinerário da instituição. No âmbito de processos de investigação, a análise desses documentos e a comparação que se estabelece entre as informações que, no seu conjunto, fornecem, permitem-nos conferir sentidos ao passado e compreender também a constituição / consolidação da cultura escolar, na teia das relações que esta estabelece com as outras culturas presentes na sociedade (CHARTIER, 1988, 1994).

Conceito amplo e abrangente, a cultura escolar apresenta uma natureza profunda e fundamentalmente histórica. A perspectiva da escola como entidade produtora de uma cultura específica, original, tem vindo a ocupar, nos últimos anos, a atenção de historiadores da educação que têm sublinhado as virtualidades deste conceito, considerando-o um poderoso instrumento de análise das realidades educativas, em várias das suas vertentes (JULIA, 1995, 2000; CHERVEL, 1996, 1998; VIÑAO, 1998, 2001; BERRIO, 2000).

Constituída por um conjunto de teorias, ideias e princípios, normas, regras, rituais, rotinas, hábitos e práticas, a cultura escolar remete-nos também para as formas de fazer e de pensar, para os comportamentos, sedimentados ao longo do tempo e que se apresentam como tradições, regularidades e regras, mais subentendidas que expressas, as quais são partilhadas pelos actores educativos no seio das instituições. Os traços característicos da cultura escolar (continuidade, persistência, institucionalização e relativa autonomia) permitem-lhe gerar produtos que lhe dão a configuração de uma cultura independente. Esta cultura constitui um substrato formado, ao longo do tempo, por camadas mais entrelaçadas que sobrepostas, que importa separar e analisar. O exercício do arquivo tem um espaço importante neste processo historiográfico de investigação sobre a cultura escolar.

Constituído fundamentalmente por documentos escritos, o arquivo ocupa um lugar central que decorre da directa relação da escola com o universo da cultura

escrita. A escrita tem, ela própria, uma posição de grande centralidade no quotidiano escolar (na gestão administrativa, nas relações pedagógicas, na construção de saberes, nas relações sociais), estando presente em toda a vida da instituição. É essa íntima relação que o arquivo reflecte, na materialidade dos seus documentos e de forma mais consistente e lógica que os outros espólios, compreendendo-se assim o lugar central que ocupa na vida e na história da escola.

A situação dos arquivos escolares em Portugal

Quando nos detemos na generalidade das escolas, encontramos os fundos do arquivo escolar dispersos por vários espaços, como os sótãos, as caves, os vãos de escada e outros locais escondidos e desactivados, sem condições mínimas para albergarem os documentos de arquivo.

Geralmente, à guarda das respectivas secretarias e serviços administrativos, misturam-se documentos de origens diversas e utilidade também diversificada: a) *documentos activos* – ainda utilizados com regularidade, organizados (geralmente) e de acesso mais fácil; b) documentos semi-activos – cadastros de professores e de alunos, de que ainda são pedidos certificados a partir do original, estando identificados pela instituição e sendo localizados com relativa facilidade; c) documentos inactivos – nesta fase do seu ciclo de vida, os documentos encontram-se normalmente depositados em locais que não garantem as condições necessárias para a sua salvaguarda e preservação material, amontoando-se sem organização e misturando-se documentos de origem e natureza muito diversa.

A importância dos arquivos escolares tem sido sublinhada por estudos recentes, quer em Portugal (NÓVOA; SANTA-CLARA, 2003; MAGALHÃES, 2001), quer no Brasil (VIDAL; ZAIA, 2002; MORAES; ALVES, 2002). Tomando como referência um levantamento efectuado em 1996, sob a coordenação de António Nóvoa, o estado de conservação da documentação de arquivo nas escolas secundárias portuguesas poderá considerar-se maioritariamente razoável, situando-se neste nível de apreciação 72,3 % das instituições consideradas, seguindo-se 11,5 % com nível bom, 10,3 % apresentando um estado mau e 5,7 % constando da categoria de “sem informação” (NÓVOA, 1997, p. 71). Contudo,

O razoável estado de conservação da documentação poderá ... ser posto em causa a curto prazo, já que a capacidade de acondicionamento por parte da maioria das escolas é cada vez menor ... Esta situação tenderá a agravar-se muito rapidamente, uma vez que a capacidade de armazenamento de nova documentação é nula em cerca de metade das escolas e muito reduzida nas restantes ... O facto configura, portanto, uma situação de saturação e de ruptura total no que toca à capa-

cidade de conservação de arquivos por parte da maioria das escolas. A muito curto prazo poderão intensificar-se os dois fenômenos negativos usuais nestas circunstâncias: a eliminação desregrada ou a manutenção desorganizada ou pulverizada dos mesmos (p. 74)

Ao pensarmos nas medidas a adotar para o futuro, temos que ter em conta que os arquivos escolares ocuparam, em muitos casos, locais físicos diversos, pelos quais passaram sucessivamente ao longo da história da instituição escolar a que pertencem; também nessas transferências poderá ter-se perdido a lógica organizativa que lhes teria sido conferida no início. Hoje apresentam-se, geralmente, com a documentação disposta ao sabor do acaso, evidenciando a desorganização arquivística que teria sido provocada pelas mudanças de localização ao longo do tempo (mas que também poderá ser original, conforme os casos).

Assim, torna-se necessário realizar o levantamento de toda a documentação existente, elaborar um inventário da mesma e organizar os arquivos segundo critérios técnicos e científicos. Temos um longo caminho a percorrer, para a preservação e salvaguarda de documentos que contêm informações valiosas para a história da escola e para o estudo da cultura escolar, constituindo um património fundamental para as investigações em educação.

A natureza dos documentos e os estudos a desenvolver

Os documentos de arquivo (manuscritos e dactilografados, no caso dos mais recentes) reflectem a vida da instituição que os produziu. Podemos estabelecer a relação entre esses documentos de arquivo, as informações que contêm e os temas e problemas que, com base neles, podemos investigar e analisar. A partir do estudo do arquivo de uma instituição de formação de professores (MOGARRO, 2001) e de pesquisas exploratórias no arquivo de um liceu (MOGARRO, 2003; MOGARRO; CRESPO, 2001), foi possível estabelecer essa relação, que se apresenta de forma mais sistemática no quadro seguinte.

Essa relação entre os documentos e os temas e problemas que, a partir deles, podemos investigar não é unívoca e exclusiva. O quadro acima apresentado pretende sublinhar a importância e a riqueza dos documentos de arquivo para os estudos sobre a instituição educativa, a cultura escolar, o currículo, registando as potencialidades de cada tipo de documento. Contudo, nunca se deve perder de vista o necessário cruzamento das informações que um documento pode conter com as de outros documentos. Os seus contributos são fundamentais para um universo vasto de temas e problemas – a flexibilidade e agilidade que o investigador imprime ao processo de investigação baseia-se na complementaridade da documentação em análise e na capacidade de usar a sua complexidade para trilhar

novos caminhos nos seus estudos. O cruzamento de conteúdos é, neste sentido, uma operação fundamental. Por isso, o quadro apresentado é útil e fornece indicações importantes, mas não tem uma natureza prescritiva ou rígida e não reduz os temas e problemas (coluna da direita) ao tipo de documentos que geralmente os suportam (indicados na coluna da esquerda).

Temas e problemas a investigar com base nos documentos de arquivo

Documentos	Temas e problemas a investigar
1. Actas do Conselho Escolar Actas diversas	Tensões entre docentes (debates, conflitos, estratégias de coordenação, reflexão interna sobre a instituição) Opções pedagógicas e curriculares Formas de abordagem dos problemas disciplinares dos alunos Orientações internas da vida da escola Etc.
2. Livros de Cadastro de Professores Processos de professores	Caracterização e evolução do corpo docente de uma instituição escolar (origem geográfica, formação académica e profissional, percurso e valorização profissional, anos de ligação à instituição)
3. Livros de Cadastro e de Matrícula dos alunos Processos de alunos	Definição do perfil dos alunos que, ao longo dos anos, frequentaram a escola (origem geográfica, articulação com a comunidade e a região, idade de entrada e saída da instituição, relação quantitativa de géneros, estudo das elites locais, etc.)
4. Livros de Termos e Coleção de Pautas do Aproveitamento escolar Actas de Júris de Exame	Mapeamento dos resultados alcançados pelos alunos e definição do seu sucesso/insucesso
5. Regulamentos internos Ordens de serviço Avisos e Convocatórias Actas do Conselho Escolar	Apreensão do quotidiano escolar, das normas e regras, das questões disciplinares, das actividades extra-curriculares Traços que permitam também apreender o trabalho docente e as relações entre professores
6. Listas de professores, alunos, turmas Divisão de turmas e de turnos Horários Documentos sobre estágios e sobre outras componentes curriculares	Caracterização do trabalho de gestão e de organização pedagógica da instituição escolar

<p>7. Folhetos Brochuras Convites Anúncios</p>	<p>Identificação de festas, espectáculos, exposições, manifestações e outras realizações muito diversificadas que marcaram o calendário escolar</p>
<p>8. Colecções de correspondência expedida e recebida Circulares emanadas dos serviços centrais</p>	<p>Apreciação e avaliação das relações institucionais com os organismos da tutela e e do grau de autonomia das instituições escolares face ao poder central</p>
<p>9. Relatórios (geralmente anuais)</p>	<p>Análise e reconstrução da imagem que a escola elaborou sobre si própria, na perspectiva da sua direcção</p>
<p>10. Livros de Sumários Materiais escolares (manuais, inventários, etc.) Inventário e ficheiros da Biblioteca Escolar</p>	<p>Traços da história do currículo, das disciplinas escolares e das relações pedagógicas; apreensão dos elementos do quotidiano na sala de aula e da natureza dos processos educativos que nela se desenvolve(ra)m Percepção e análise dos sentidos dos saberes e dos modelos culturais e pedagógicos presentes na escola</p>
<p>11. Trabalhos de Alunos</p>	<p>Observação dos mecanismos em que assentam os processos de ensino-aprendizagem e o sentido dos rendimentos exigidos pelas diferentes disciplinas; compreensão, a partir do ponto de vista dos alunos (uma perspectiva só muito recentemente valorizada), das evoluções e das mudanças profundas que ocorreram no campo da educação. Embora este tipo de fontes de informação raramente tenha sido conservado pelo arquivo da própria instituição escolar, tem despertado um interesse renovado.</p>
<p>12. Documentos relativos à gestão financeira e contabilidade da Escola Documentos relativos ao pessoal auxiliar</p>	<p>Avaliação da gestão e dos critérios de aplicação do orçamento das escolas, remetendo para questões de economia da educação</p>
<p>13. Jornais e revistas da instituição escolar Livros de Curso e Livros de Finalistas Outras publicações de professores e alunos</p>	<p>Apreensão das vozes de professores e alunos, assim como da visão do mundo, da profissão e da escola, por eles expressas nestas publicações, apesar de raramente integradas no arquivo da escola.</p>
<p>14. Fotografias e imagens</p>	<p>Observação e análise da riqueza dos espaços, dos ambientes, dos objectos e das pessoas, através da iconografia da / sobre a escola. Também este conjunto raramente se mantém no arquivo da instituição escolar a que diz respeito.</p>

Os arquivos escolares e as fontes de informação de diversa natureza

Os documentos de arquivo têm, por outro lado, que cruzar as informações de que são detentores com as outras fontes de informação, de natureza muito diversificada e apresentando suportes também variados, situando-se muitas vezes fora da escola e do seu arquivo. As fontes de informação são hoje um universo múltiplo:

- Textos legais e documentos oficiais
- Estatísticas
- Relatórios técnicos
- Regulamentos, circulares e normas, enquanto documentos de circulação não apenas interna, nas instituições escolares, mas também entre estas e o poder central
- Documentos administrativos e pedagógicos
- Publicações, como livros, artigos de jornais e revistas, exteriores à escola. São trabalhos científicos, pedagógicos e culturais, poesias, que surgem na imprensa regional e imprensa pedagógica, mas que também podem ter a natureza de obras autónomas, escritas e publicadas por iniciativa dos professores, que são também os autores
- Equipamentos e objectos de diversa natureza
- Materiais didácticos e escolares, geralmente pertencentes a arquivos particulares
- Trabalhos escolares de alunos que, na maior parte dos casos, se encontram também em arquivos particulares e não nos arquivos das instituições escolares
- Fotografias e outros documentos iconográficos
- Testemunhos orais de professores, alunos, funcionários e outros elementos da comunidade educativa

São fontes / produções múltiplas, que reflectem a própria multidimensionalidade e complexidade das realidades educativas, assim como a diversidade e pluralidade dos meios de intervenção dos actores educativos. Esses documentos apresentam perspectivas diversas, que permitem apreender a realidade educativa e contribuem para uma riqueza significativa de dados e das análises que sobre eles se podem realizar.

No contexto dessa diversidade de fontes de informação / documentos, os arquivos escolares corporizam, no entanto, a referência fundamental, pois que os seus documentos constituem, exactamente pela sua específica natureza, o “núcleo duro” de um processo investigativo que garante a solidez e a validade das conclusões a que se pode chegar no fim de um percurso de investigação.

Os documentos de arquivo são os mais tradicionais como base da escrita da história, mas os novos caminhos da investigação não deixam de lhes conferir esse lugar de centralidade, de matriz de referência, pela consistência das suas informações e pela segurança que transmitem aos investigadores. As novas fontes de informação expressam a preocupação com as vozes dos actores sociais e educativos (privilegiando os testemunhos orais e as lógicas narrativas de natureza pessoal) ou com a materialidade da escola (objectos que fazem parte dos seus espólios museológicos), mas a configuração da identidade histórica e institucional passa necessariamente pelo arquivo, enquanto repositório do processo de “escrituração” da escola. O arquivo escolar garante, em cada instituição, a unidade, a coerência e a consistência que as memórias individuais sobre a escola, ou os objectos isolados por ela produzidos e utilizados, não podem conferir, por si sós, à memória e identidade que hoje se torna fundamental construir.

Mais uma vez, somos conduzidos a sublinhar a necessidade de articular e cruzar as informações de cada tipo de documento com as de outros documentos que se revelem pertinentes para o estudo a realizar. Estabelece-se assim o diálogo entre as diversas fontes de informação, entre os vários documentos, numa perspectiva de complementaridade e articulação entre eles.

Os arquivos escolares e a construção da memória educativa

Nos últimos anos do século XX assistiu-se, em Portugal, à emergência de um significativo interesse pela escola e pelo seu passado. Novos olhares foram dirigidos pelos investigadores da história da educação sobre o património e a história da escola, privilegiando também as memórias dos actores educativos e desenvolvendo projectos de investigação e intervenção sobre essas temáticas. Por seu lado, um conjunto significativo de iniciativas, de natureza e objectivos muito diversos, evidenciaram a dimensão mais vasta desse interesse, enraizando-o numa procura social de identidade e de recuperação da memória em torno da escola. A identificação desse movimento profundo conduziu-nos à necessidade de valorizar e recuperar os documentos que a escola foi produzindo sobre ela própria, quotidianamente, na actividade regular com que foi tecendo a sua própria história.

As iniciativas indicadas têm sido protagonizadas por pessoas e instituições preocupadas com esta problemática e podemos traçar a evolução desse movimento centrando a atenção num exemplo específico. Em Portalegre, a comunidade educativa deu visibilidade a esse seu interesse com a realização, entre 1998 e 2001, de encontros, exposições e publicações sobre o património educativo e a cultura escolar (MOGARRO, 2001a, 2001b), tendo-se também efectuado a sua divulgação em congressos e encontros internacionais, nacionais e locais (MOGARRO, 2003a, 2002; MOGARRO; CRESPO, 2001), a par da realização de investigações (MOGARRO, 2001).

Uma segunda fase iniciou-se em 2002, com um processo de reflexão sobre o trabalho realizado e que conduziu à elaboração e implementação de um projecto de investigação e de intervenção designado por “Rede de Museus Escolares de Portalegre (REMEP)” (MOGARRO, 2003b). Este projecto não se limita, contudo, aos objectos materiais que integram o património educativo de uma instituição escolar; no seu âmbito, assume-se uma perspectiva mais alargada, concebendo-se os vários espólios (arquivístico, museológico e bibliográfico) de forma articulada, embora salvaguardando sempre a especificidade técnica que decorre da natureza dos documentos de cada um desses espólios e dos respectivos suportes.

A designação deste projecto compreende-se também pelo reconhecimento da importância que os objectos materiais têm e que se liga ao poder da visibilidade que eles conferem aos acontecimentos do passado e aos fenómenos sociais. Com eles, o cidadão comum e as populações em geral evocam as recordações da sua infância e juventude, as histórias da sua vida, as recordações, o seu passado que é trazido até ao presente. O sucesso que estas iniciativas têm tido junto das comunidades locais constitui um factor determinante para a atenção e apoio que as entidades locais (como alguns municípios) têm vindo a dar a mostras, exposições e criação de museus escolares. Esse sucesso é também um indicador importante a ter em conta na organização do trabalho científico sobre estas temáticas, no que se refere ao estabelecimento de parcerias, à adopção de atitudes e procedimentos e à divulgação de realizações e objectivos.

Neste sentido, a “Rede de Museus Escolares de Portalegre” instituiu-se com a assinatura de um protocolo entre as instituições fundadoras, estatuto que decorre da posição de cada uma no sistema educativo, em nível local: as escolas são as detentoras dos respectivos fundos históricos, outros organismos tutelam essas mesmas escolas ou desenvolvem projectos de investigação e intervenção, neste âmbito. O protocolo foi assinado pela Câmara Municipal de Portalegre, a Direcção Regional de Educação do Alentejo (DREA), a Escola Secundária Mouzinho da Silveira, a Escola Secundária de S. Lourenço, os Agrupamentos de Escolas n.º 1 e n.º 2 de Portalegre, o Instituto Politécnico de Portalegre e a Escola Superior de Educação. A constituição desta rede permite enraizar institucional e socialmente o projecto, envolvendo o governo autárquico, as escolas e os decisores educativos, em nível local e regional.

A Rede de Museus Escolares de Portalegre é constituída por núcleos escolares, que funcionam de forma articulada entre si, segundo as actuais concepções que defendem que o passado e os seus testemunhos materiais pertencem às comunidades herdeiras dos produtores desses mesmos materiais. Foram, assim, constituídos núcleos na Escola Secundária Mouzinho da Silveira (antigo Liceu), na Escola Secundária de S. Lourenço (antiga escola técnica) e estuda-se a constituição do núcleo da escola primária, a partir das equipas que desenvolvem trabalho nos dois

Agrupamentos de Escolas da cidade de Portalegre; a viabilidade de outros núcleos também está a ser analisada, como o da antiga Escola do Magistério Primário, já extinta, e cujo arquivo se encontra sob a guarda do Instituto Politécnico local. Esses núcleos são constituídos por equipas de professores das próprias escolas, que se propõem fazer o levantamento e a organização dos respectivos espólios e desenvolver actividades com base nos seus documentos, nomeadamente envolvendo os alunos de cada instituição.

Com funções de coordenação da rede, funciona uma Comissão constituída por uma responsável científica, um representante do município (Câmara Municipal), um representante do Instituto Politécnico, um representante da Direcção Regional de Educação e um representante de cada um dos núcleos escolares. Há, ainda, três técnicos especializados, respectivamente, em arquivo, museologia e biblioteca/documentação. A natureza dos documentos existentes nos espólios das escolas conduziu exactamente à necessidade de reunir especialistas em vários domínios do conhecimento, para uma adequada e eficaz orientação no processo de levantamento e organização dos fundos históricos das escolas. Essa Comissão Coordenadora deverá também organizar e dirigir um Centro de Memória Educativa e Cultural, que terá como uma das tarefas prioritárias a constituição de uma base de dados do património educativo das escolas da cidade, disponibilizando informação e apoiando projectos de investigação e intervenção, relacionados com essas temáticas.

Com a formação de uma Rede de Museus Escolares em Portalegre, pretende-se contribuir para a construção e consolidação de uma memória educativa e, por este meio, de uma identidade regional. Neste sentido, importa aprofundar a ligação das escolas aos seus itinerários históricos, numa perspectiva de valorização dos percursos institucionais e da formação de uma cultura escolar, promovendo a ligação da população ao seu passado escolar e criando um sentimento de pertença a uma entidade colectiva.

O mesmo projecto pretende reforçar a relação entre a escola e a comunidade, tomando como referência esse elemento comum a (quase) todas as pessoas – a escola, a memória da escola e da infância, assim como os objectos materiais que convocam essa memória.

Os públicos escolares (e os jovens em geral) constituem também uma preocupação deste projecto, visando-se promover uma formação enraizada na evolução do sistema educativo, das suas instituições e dos processos de ensino-aprendizagem, numa perspectiva de continuidade que forneça referências às inovações da actualidade. Os núcleos escolares já têm envolvido os alunos nas suas actividades, e as temáticas do património educativo e da cultura escolar devem ser incorporadas nas práticas educativas, em conteúdos curriculares e em trabalhos desenvolvidos pelos alunos, nomeadamente no nível da sala de aula ou de clubes sobre a

história da escola. Nessas actividades é fundamental utilizar os documentos da própria instituição, numa relação directa entre o tempo presente e o passado que lhe está subjacente.

O desenvolvimento sustentável deste projecto implica uma programação de actividades culturais, eventos diversos e publicações para recuperar a memória educativa, dinamizando a realidade cultural e pedagógica actual. Neste contexto, ganha novo sentido a realização, pelos núcleos, de exposições e mostras educativas e culturais, permanentes ou temporais, com fundos dos núcleos museológicos da rede e outros fundos obtidos por empréstimo.

Sendo uma realização local, este projecto assume a comunicação permanente com outros espaços. As suas finalidades visam também criar condições para a investigação no âmbito da cultura e da educação, da história e das memórias (constituição de centro de dados e recursos documentais, elaboração de projectos relacionados, realização de conferências e encontros, atrás referidos), de forma a fomentar o estudo e difusão de novos conhecimentos, tanto localmente como na dimensão nacional. Por outro lado, prevê-se a integração desta temática em projectos nacionais de investigação e em projectos de cooperação internacional, nomeadamente entre Portugal e o Brasil.

Retomando a questão dos arquivos escolares, não podemos deixar de sublinhar novamente o papel central, de referência, que eles ocupam no conjunto dos espólios escolares. O projecto apresentado incide sobre a recuperação e valorização do património educativo, em sentido lato e, desse modo, lida com os diversos espólios das instituições, assim como tem de conciliar os diferentes perfis de pessoas e entidades que nele participam. No entanto, essa complexa rede de documentos e de pessoas, assim como das relações que entre eles se estabelece, consolida o arquivo como eixo de referência e confere-lhe uma importância acrescida.

A tarefa de recuperar, preservar, estudar e divulgar o património educativo, nomeadamente os arquivos escolares, adquire um novo sentido e urgência, que passa pela necessidade de definir orientações e dar consistência ao movimento que hoje se faz sentir, tanto em nível social como científico, sobre a escola, a sua história e memória.

Referências bibliográficas

BERRIO, Julio Ruiz (ed.). *La cultura escolar de Europa. Tendências históricas emergentes*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. *L'histoire aujourd'hui: doutes, défis, propositions*. Valência: Universitat de València & Asociación Vasca de Semiótica, 1994.

CHERVEL, André. Des disciplines scolaires à la culture scolaire. In: STURM; DEKKER; ALDRICH; SIMON (eds.). *Education and cultural transmission*. Gent: Paedagogica Historica, International Journal of the History of Education (Supplementary Series – vol. II), 1996, p. 181-195.

CHERVEL, André. *La culture scolaire. Une approche historique*. Paris: Belin, 1998.

JULIA, Dominique. La culture scolaire comme objet historique. In: NÓVOA, António; DEPAEPE, Marc; JOHANNINGMEIER, Erwin V. (eds.). *The colonial experience in education: historical issues and perspectives*. Gent: Paedagogica Historica, International Journal of the History of Education (Supplementary Series – vol. I), 1995, p. 353-382.

JULIA, Dominique. Construcción de las disciplinas escolares en Europa. In: BERRIO, Julio Ruiz (ed.). *La cultura escolar de Europa. Tendências históricas emergentes*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000, p. 45-78.

MAGALHÃES, Justino. *Roteiro de fontes para a história da educação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2001.

MOGARRO, Maria João. Liceu Mouzinho da Silveira – Portalegre. In: NÓVOA, António; SANTA-CLARA, Ana Teresa (coord.). *“Liceus de Portugal”*. *Histórias, Arquivos, Memórias*. Lisboa: Edições ASA, 2003, p. 558-579.

MOGARRO, Maria João. Os museus pedagógicos em Portugal: história e actualidade. In: SAAVEDRA, Vicente Peña (coord.). *I Foro Ibérico de Museísmo Pedagógico – O Museísmo Pedagógico en España e Portugal: itinerarios, experiencias e perspectivas*. Actas 2001. Santiago de Compostela: Xunta da Galicia / Mupega – Museu Pedagógico da Galicia, 2003a, p. 85-114.

MOGARRO, Maria João (coord.). *Projecto: Rede de Museus Escolares de Portalegre (REMPE)*. Portalegre: 2003b.

MOGARRO, Maria João. O lugar dos museus nas correntes pedagógicas em Portugal – uma perspectiva histórica. *Revista Ícone Educação* – v. 8 – n. 1 e 2 – Jan./Dez., 2002, p. 183-192.

MOGARRO, Maria João. *A formação de professores no Portugal contemporâneo – a Escola do Magistério Primário de Portalegre*. 2001. Tese de doutoramento (Ciências da Educação) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade da Extremadura.

MOGARRO, Maria João et al. Catálogo da Exposição História e Memória da Escola. In: *Actas do 3.º Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre. História e Memória da Escola* – 2. v. Lisboa: A.P.H. – Associação de Professores de História, 2001a, p. 75-103.

MOGARRO, Maria João. Projecto: História e memória da escola. *Aprender – Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre*, n. 24, Outubro, 2001b, p. 91-93.

MOGARRO, Maria João; CRESPO, Maria Elvira. O liceu de Portalegre – percurso entre a memória e o arquivo. In: *História e Memória da Escola. Actas do III Encontro de História Regional e Local do Distrito de Portalegre*. Lisboa: APH – Associação de Professores de História, 2001, p. 73-77.

MORAES, Carmen S. V.; ALVES, Júlia F. (org.). *Inventário de fontes documentais*. S. Paulo: Centro Paula Souza, 2002.

NÓVOA, António (coord.). *Instituto Histórico da Educação*. Lisboa: Ministério da Educação, 1997.

NÓVOA, António; SANTA-CLARA, Ana Teresa (coord.). *"Liceus de Portugal": arquivos, histórias, memórias*. Porto: Edições Asa, 2003.

VIDAL, Diana G.; ZAIA, Iomar B. De arquivo morto a permanente: o arquivo escolar e a construção da cidadania. In: MORAES, Carmen S. V.; ALVES, Júlia F. (org.). *Inventário de fontes documentais*. S. Paulo: Centro Paula Souza, 2002, p. 33-42.

VIÑAO, Antonio. Por una historia de la cultura escolar: cuestiones, enfoques, fuentes. In: Asociación de Historia Contemporánea. *Culturas y civilizaciones. III Congreso de la Asociación de Historia Contemporánea*. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1998, p. 167-183.

VIÑAO, Antonio. Fracasan las reformas educativas? La respuesta de un historiador. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (org.). *Educação no Brasil: história e historiografia*. Campinas/ S. Paulo: Autores Associados, SBHE – Sociedade Brasileira de História da Educação, 2001, p. 21-52.

Recebido em 06 de novembro de 2004 e aprovado em 01 de dezembro de 2004.